



CONEXÃO UNIFAMETRO 2021

XVII SEMANA ACADÊMICA

ISSN: 2357-8645

COMO O MARACATU FAZ USO DA CIDADE?

COMO A CIDADE ABRIGA O MARACATU?

Dinâmicas entre o patrimônio cultural imaterial e o espaço urbano

Luana Ferreira Cavalcante

Docente-Centro Universitário Fametro - Unifametro

luana.cavalcante@professor.unifametro.edu.br

Rebeca Gaspar Maia

Docente-Centro Universitário Fametro - Unifametro

rebeca.maia@professor.unifametro.edu.br

Luiz Mattoso Cattony

Docente-Centro Universitário Fametro - Unifametro

luiz.cattony@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: História, Patrimônio e Identidade

Encontro Científico: II Encontro de Experiências Docentes

RESUMO

O presente trabalho aborda os pontos de inflexão entre as manifestações culturais categorizadas enquanto patrimônio imaterial, e o espaço público das cidades. Para tanto, utiliza como estudo de caso a análise da prática cultural do maracatu no espaço público de Fortaleza, no Ceará. O objetivo é apresentar o processo de surgimento e desenvolvimento do Maracatu em Fortaleza, o relacionando a sua ocupação atual espacial no território. A metodologia envolve a consulta a fontes secundárias como dissertações, artigos e matérias de jornais; além da elaboração de um mapa síntese que espacializa os dados encontrados ilustrando o conteúdo do trabalho. A pesquisa exhibe um cenário de utilização temporária e pontual dos espaços públicos pelos grupos de maracatu existentes atualmente. Enquanto arquitetos e urbanistas, se faz necessário perceber que o ordenamento estabelecido tende a tornar as manifestações deslocadas da normalidade e com necessidade de arranjos estruturais para que a rua acolha essas práticas. No caso das ruas e avenidas, a transformação para receber a prática acarreta sobretudo em uma grande quantidade de mão de obra contratada para montar e demonstrar estruturas móveis. A fim de que a discussão não seja concluída, mas que estimule desdobramentos teóricos e práticos, são propostos dois questionamentos: como, enquanto arquitetos e urbanistas, podemos contribuir para que a transformação da rua – de eixo de circulação à espaço com força simbólica – para que não se perca durante os demais meses do ano? Como facilitar cortejos, rodas e apresentações em um ambiente que continua a ser compartilhado com veículos?

Palavras-chave: Maracatu; Patrimônio Imaterial; Espaço urbano; Arquitetura e Urbanismo.

INTRODUÇÃO

O maracatu é a representação de cortejos de coroação de reis do Congo, onde os brincantes cantam e dançam ritos das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas. É uma festa permeada por teatralidade, que evidencia o passado e exalta o quadro plural da cultura brasileira a partir de suas raízes. Reconhecido e registrado como patrimônio cultural imaterial pela Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR) em 2015, o maracatu é uma manifestação cultural que utiliza historicamente o espaço público da cidade como cenário.

Este espaço foi durante muito tempo o Centro histórico de Fortaleza, onde eram realizadas as ancestrais festas de coroação dos reis negros, vinculadas a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Folguedos originalmente associados à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, erguida em 1730 por escravos e localizada ainda hoje próxima a Praça dos Leões. Entretanto, com o passar do tempo, estes festejos foram proibidos de se realizarem dentro das igrejas, passando a ser celebrados em terrenos particulares ou no espaço da rua. Em 1937 o maracatu foi incorporado ao período do carnaval, com desfiles realizados ainda na região central da cidade.

Atualmente, existem quinze grupos de maracatu atuantes no território de Fortaleza, com sedes localizadas em bairros como: Jardim América, Farias Brito, Joaquim Távora, Pici, Jardim Iracema, José Walter, entre outros (ver Fig. 1 abaixo). “Em cada um destes [bairros], os maracatus servem também como forma de inserção cultural através dos ensaios e das atividades desenvolvidas pelos grupos, como oficinas de batuque, a confecção das fantasias, seminários, e demais atividades desenvolvidas” (HONÓRIO DE AGUIAR, 2017, p. 55, comentário nosso).

Estes grupos desfilam anualmente na Praça do Ferreira ou na Praia de Iracema no Dia do Maracatu – 25 de março -, data reservada para a divulgação, valorização e celebração deste importante patrimônio imaterial. Contudo, continua a ser no período do Carnaval que essa manifestação cultural recebe maior visibilidade: aos sábados um trecho da Av. Domingos Olímpio é reservado exclusivamente para os desfiles dos grupos devidamente registrados na Prefeitura.

Os usos, usuários, práticas e relações empreendidas na via também são alterados no tempo festivo do carnaval. Nos demais dias do ano, a av. Domingos Olímpio se caracteriza como lugar de deslocamento, trabalho ou estudo. Residências particulares são quase inexistentes. Chegado o carnaval, outras vivências, sons e práticas são observadas naquela espacialidade reordenada. No lugar de carros, ônibus e motocicletas na pista, agremiações carnavalescas se apresentam com visualidades, sons, performances, sentidos particulares a cada dia do carnaval. O sábado e o domingo ficam reservados para os grupos de maracatu, segunda para cordões e blocos

e a terça-feira para o desfile das escolas de samba e afoxés. (OLIVEIRA, 2019, p. 150)

Conforme exposto, o que ocorre atualmente é a utilização pontual de espaços públicos de Fortaleza, sobretudo ruas e praças, como cenário para a prática do maracatu no carnaval e em dias específicos. Logo, a transformação destes espaços ocorre em caráter de excepcionalidade. Contudo, conforme destaca Raposo (2016), as performances provocam novas formas de uso, participação popular, experiências e sentimentos vinculados ao espaço público, sendo ativas na sua função e organização, pois

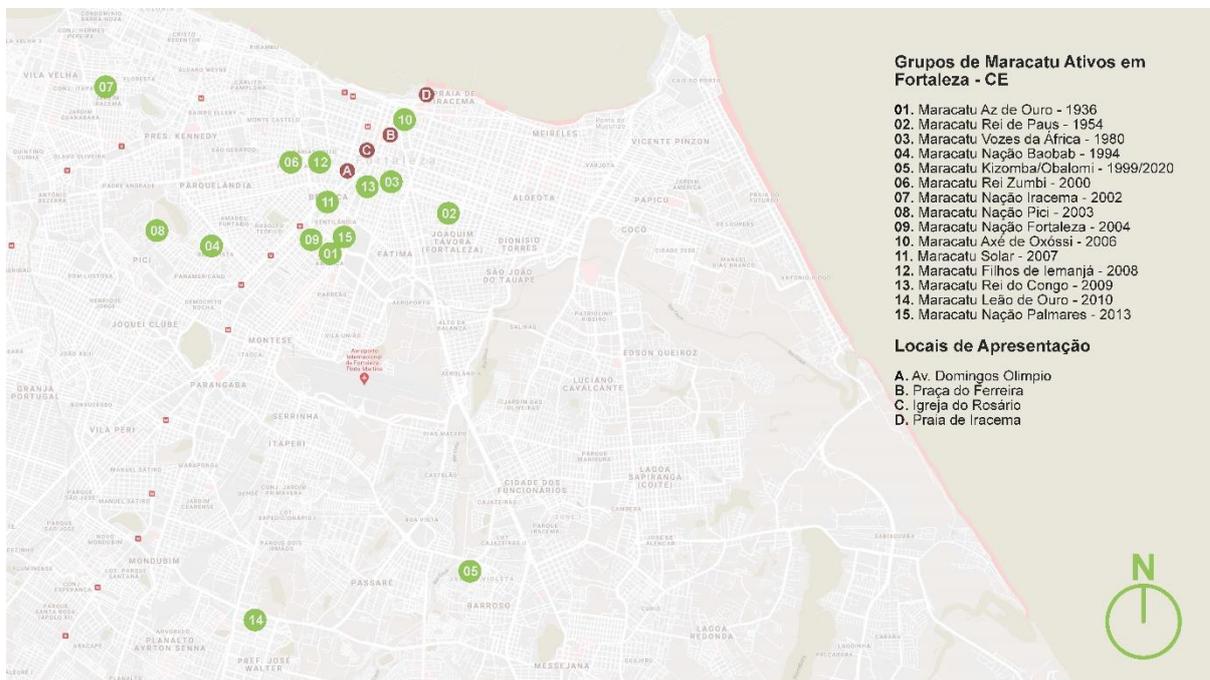
[...] convocam as pessoas a ocuparem os espaços e conferirem sentidos a eles que extrapolem o cotidiano. Ao mesmo tempo, os espaços imprimem formas de condutas, ações, relações, práticas aos sujeitos que performatizam comportamentos ao transitarem cotidianamente por distintas posições e lugares. (OLIVEIRA, 2019, p. 153)

Assim, a transformação do espaço público em ambiente de uso e vínculo simbólico é uma potencialidade que esta pesquisa visa ressaltar. Sobretudo devido a sua capacidade de ultrapassar o uso diário e unir diferentes grupos sociais, aspecto que pode alterar a relação das pessoas com a cidade, além de atuar como um mecanismo de promoção e visibilidade para os patrimônios culturais imateriais especializados na cidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza sobretudo fontes secundárias, como dissertações, artigos e matérias de jornais. Os dados encontrados nestas fontes foram organizados em um mapa síntese (ver Fig. 1 abaixo) com a localização dos grupos de maracatu existentes, expondo a sua dinâmica urbana no território de Fortaleza. A espacialização dessas informações implica numa apreensão física do tema abordado: podemos perceber que a localização das sedes dos grupos se relaciona, em termos de proximidade, com o local onde ocorrem as apresentações de Carnaval. Visto que dez dos quinze grupos se encontram próximos da Av. Domingos Olímpio, ao Centro da Cidade e a Praia de Iracema, espaços comuns de apresentação do festejo.

Figura 1 - Mapa de localização das sedes dos grupos de Maracatu ativos em 2021 na cidade de Fortaleza-CE



Fonte: Elaborado pelos autores.

Ademais, é importante salientar que esta pesquisa parte dos docentes da área de Projeto Arquitetônico do Curso de Arquitetura e Urbanismo, e é resultado da união das suas práticas projetuais e conhecimento da cidade, com o recente (agosto de 2021) envolvimento na organização e promoção do segundo concurso estadual de ideias para estudantes de cursos superiores de Arquitetura e Urbanismo, que teve como tema a relação entre espaço e cultura. Logo, a discussão trazida nesta pesquisa é derivada do estudo feito pelos autores para elaboração do Edital do referido concurso, dando continuidade ao propósito de ressaltar as relações existentes (e ainda pouco analisadas) entre manifestações culturais, patrimônios imateriais e o desenho urbano dos espaços públicos urbanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visto que a atuação de arquitetos e urbanistas perpassa o estudo da cidade, é exposto neste trabalho um olhar atento para a rua que, além de sua utilização na mobilidade e transporte, serve de suporte e cenário para a manifestação cultural do maracatu. Perceber a contribuição desse festejo para a dinâmica da cidade a partir dos seus elementos, símbolos e atores é



necessário para que possamos planejar cidades reais nas quais o espaço público potencializa os encontros e não apenas a circulação.

Enquanto profissionais que fazem parte da tomada de decisão sobre o planejamento da cidade, se faz necessário perceber que o ordenamento estabelecido pelo Estado e mercado imobiliário tende a tornar as manifestações aqui citadas em ações deslocadas da normalidade, ou seja, se faz necessários arranjos estruturais para que a rua acolha a prática do brincante. Pois a falta de acolhimento do desenho urbano dito ordenado acaba por excluir ou dificultar atividades culturais dessa natureza. Grupos autônomos que desejam utilizar a rua como aparato de expressão cultural são vistos como alheios à ordem estabelecida no projeto, que ainda carrega traços do higienismo e funcionalismo.

Ademais, é importante salientar que as sedes dos grupos de maracatu atualmente atuantes na cidade estão localizadas (ver Fig. 1 acima), em sua maioria, nos bairros onde os próprios organizadores-brincantes moram. Sendo comum que a própria sede seja também a habitação de um dos integrantes do grupo. Essa realidade exemplifica a necessidade de apoio aos grupos e ao próprio patrimônio imaterial, sobretudo na oferta de espaços apropriados para a confecção, ensaio e disseminação do conhecimento intrínseco a manifestação cultural aqui abordada.

Isto porque, o maracatu, assim como outras práticas de valor histórico-cultural que ocorrem em espaços públicos - como a Capoeira e o São João -, tem o potencial de alterar substancialmente o caráter dos espaços em que acontecem. De eixos de mobilidade urbana ou praças com usos cotidianos, estes locais se transformam em ambientes de apresentação, celebração e encontro entre os diferentes.

Na perspectiva de Ally [integrante de um grupo de maracatu atuante em Fortaleza], os desfiles carnavalescos dos maracatus demandam a criação de lugares próprios para essa festa. Para Ally, a dimensão espetacular, performática e transformativa atribuída aos cortejos dos maracatus reordenam os espaços por onde os grupos se apresentam. A criação de uma espacialidade para as apresentações dos desfiles das agremiações carnavalescas agencia a transformação de espaço e tempo para o desempenho de uma performance. [...] as encenações, materialidades, sons e os sentidos simbólicos das performances dos cortejos criam a ilusão de uma nova avenida, de um "corredor da festa", de um "teatro aberto", como qualificou a brincante Ally a respeito da av. Domingos Olímpio. Usos e sentidos da via presentes nos demais dias do ano são reordenados temporariamente. (OLIVEIRA, 2019, p. 152, comentário nosso)

Assim, o espaço da Av. Domingos Olímpio se transforma com a montagem de uma ampla estrutura para abrigar os cortejos, os jurados e a plateia. Ao longo de mais ou menos seis quadras costumam ser instalados: equipamentos e sistemas de som, arquibancadas, telões,



CONEXÃO UNIFAMETRO 2021

XVII SEMANA ACADÊMICA

ISSN: 2357-8645

banheiros químicos e pontos extras de iluminação; além de áreas voltadas para o atendimento à saúde e para a segurança pública durante os dias de evento.

A constituição da avenida enquanto lugar festivo do maracatu no período carnavalesco consolida-se ano após ano, apesar das sucessivas reclamações quanto ao fragilizado planejamento simbólico, quando comparado aos demais carnavais de outras capitais nordestinas de porte semelhante a Fortaleza, e mesmo a outros eventos da própria cidade, que possuem maior aderência, divulgação e aparentemente maior articulação no seu desenvolvimento. Dessa forma, apesar da avenida receber as manifestações carnavalescas, a mesma não possui no decorrer do ano símbolos identitários que revelem a importância e utilização para os desfiles carnavalescos da cidade. (AGUIAR, 2017, p. 45)

No caso das ruas e avenidas, a transformação para receber práticas culturais acarreta uma grande quantidade de mão de obra contratada para montar e demonstrar estruturas móveis. A partir disso, propomos dois questionamentos: como, enquanto arquitetos e urbanistas, podemos contribuir para que essa transformação da rua – de eixo de circulação à espaço com força simbólica - não se perca durante os demais meses do ano? Como facilitar cortejos, rodas e apresentações em um ambiente que continua a ser compartilhado com veículos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho expõe as potencialidades que intervenções urbanas podem ofertar ao espaço da rua, no que tange a outras possibilidades de funções, sons, temporalidades, ritmos e vivências. Para tanto, propõe a utilização do maracatu como referencial histórico de projeto, ou seja, como a expressão de uma cultura ancestral que merece ocupar a cidade em outros períodos do ano e nos seus variados espaços.

Deste modo, é proposta uma nova qualidade a ser considerada na estruturação urbana: o simbolismo constante aliado a uma função circulatória existente. Pois entende-se que é objetivo do planejamento e do projeto urbano dar estímulos para que as pessoas ocupem os espaços públicos. E, uma vez que o espaço público da rua ultrapasse sua função exclusiva de circulação, permitindo e estimulando também manifestações e festejos, poderá atuar a favor da divulgação de práticas culturais que são pouco valorizadas - ou tratadas como externas ao cotidiano citadino.

Finalmente, ressalta-se que esta reflexão não esgota a temática e nem soluciona o problema analisado, mas busca promover a contínua investigação de caminhos que contribuam para o debate acerca do papel dos arquitetos e urbanistas na resistência cultural, na promoção do patrimônio imaterial e na transformação dos espaços públicos urbanos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Jacquicilane Honorio de. **Cronotopia da coroação africana: mapeamento das representações simbólicas do maracatu no patrimônio da data magna em fortaleza/ce.** 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26890/3/2017_dis_jhaguiar.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

OLIVEIRA, Laís Cordeiro de. **“Rei de Paus na Avenida de novo!” Coprodução de personagens, objetos e lugares no maracatu cearense.** 2019. 202f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=83993>. Acesso em: 15 jun. 2021.

RAPOSO, Paulo. A “revolta das barcas”: sobre silenciamento performativo e imaterialidade do protesto na (in)visibilidade contemporânea das periferias urbanas. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 59-88, jun. 2016.

SOUZA, Roberta. Conheça os maracatus de Fortaleza e saiba os bairros onde eles estão localizados. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 16 fev. 2020. Verso, não paginado. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/conheca-os-maracatus-de-fortaleza-e-saiba-os-bairros-onde-eles-estao-localizados-1.2211067>. Acesso em: 06 jul. 2021.